

remando contra a corrente
algumas idéias ainda em rascunho sobre o que podemos
fazer no dia-a-dia da vida e do trabalho de quem educa

Carlos Rodrigues Brandão



***Este escrito foi originalmente
um capítulo de livro
ou um artigo publicado ou utilizado
para aulas e palestras.
Nesta versão “nas nuvens”
ele pode ser livre
e gratuitamente acessado
para ser lido ou utilizado
de alguma outra maneira.
Livros e outros escritos meus
podem de igual maneira
ser acessados livremente em
www.apartilhadavida.com.br
ou em
www.sitiodarosadosventos.com.br
LIVRO LIVRE***

O que eu escrevo aqui são apenas algumas ideias ainda em rascunho. Elas inicialmente finalizavam uns escritos meus sobre educação, transdisciplinaridade, pensamento completo e outras complexidades de hoje em dia. Pretendo retomar estas idéias e colocá-las em mais ordem e densidade. Elas já foram escritas também em outros lugares.

1°. Despedagogisar a escola = deixar de lado a obsessão pedagoga de que todos os momentos, interações e gestos da vida devem ser destinados a “aprender algo”. A aprendizagem crescente é algo essencial em nossas vidas (e eu mesmo acredito que não somos humanos porque somos racionais, mas porque somos aprendentes), mas não é tudo e não deve ser uma perene meta, sobretudo quando dirigida a crianças e a jovens.

Tornar a escola primeiro transvivencial e transpessoal para, em seguida buscar caminhos para transformar a educação em algo mais transdisciplinar. Ou seja, ousar tornar a escola mais corajosamente in-disciplinada e o currículo menos disciplinar, para que, do interior das interações menos preestabelecidas, seja possível dialogicamente gerar um lugar de ensinar-aprender mais efetivamente livre e, portanto, mais voluntariamente co-reponsável.

Mais tempo “livre” para a vivência “entre-nós” das pessoas (inclusive exaustos professores), para gerar mais alternativas criativas de construção de vivências-saberes de lado a lado.

2°. Abrir mão de duas pragas da formação humana: a precocidade (“meu filho aprendeu a ler com 3 anos) e a pressa (quanto mais cedo aprender, receber o diploma e sair da escola, melhor... para onde?). Retardar até onde for possível os inícios e as progressões.

Dar mais tempo vivencial, interativo e vivencial ao poético (Morin) em lugar do prosaico; ao devaneio (Bachelard) em lugar da pura racionalidade cientificista, ao sabor (Barthes) em lugar do insípido (mas obrigatório); ao poiético (de “dentro para fora” como em Maturana) em lugar do técnico; ao dialógico e com-vivido em equipe em lugar do monológico e instrumental, enfim, à formação da pessoa consciente-cooperativa em lugar da

instruimentalização do competente (e em geral imbecilizado culturalmente)-competitivo.

3°. Reduzir e, se possível, progressivamente abolir competições e indicadores de desigualdades, em favor de evidenciadores de diferenças. A começar por prestar atenção se os “mais mal classificados” não são os estudantes mais cooperativos, os menos repetitivos, os mais transgressivamente criativos (futuros poetas, músicos, cientistas). Abolir tudo o que a empresa, a lógica e o imaginário empresarial impõem à escola. Romper com a ranquicização de pessoas, de turmas e de escolas. Abolir quadros de honra e transferir efêmeras glórias individuais em realizações solidárias de/entre equipes.

4°. Transformar turmas individualizadas de alunos em comunidades aprendentes. Tornar o trabalho de aprender uma atividade realizada em equipe e dentro da qual cada co-criador de saberes solidários retira a sua parte pessoal de aprendizado.

Subordinar a informação instrumentalizadora de práticas ao conhecimento formador de éticas e de sentidos, dirigir o conhecimento à partilha do saber, que conduz à sabedoria (Charlot). Deixar o que apenas informa e se realiza como acumulação funcional de competências para momentos secundários de instrução-a-escola (e fora dela) e reservar a maioria dos momentos essenciais a lançar os alunos na busca de saberes-de-sentido como uma vocação de aventura humana que se vive coletiva e solidariamente. O aprender não é uma função mecânica e mensurável (não somos gatos nem cachorros), e um acontecer vivido em situações mútuas de ensinar-e-aprender.

5°. Não conspirar contra a técnica e contra uma proporcional “tecnificação do ensino”, mas coloca-las em seu devido lugar. São (como o aprendizado que se obtém quando se compra um computador e se lê o seu manual) etapas do aprender e momentos da formação que valem apenas como algo instrumental. Sem qualquer valor em si-memos, servem a que nos lancemos àquilo que de verdade conta no aprender.

6°. Partir da idéia de que desigualdades de competências são pequenas fatalidades de nossa humanidade. O que nos aproxima é o fato visível e vivenciável (se ousarmos nos abrir a ele) de que quem quer que seja, qualquer pessoal diante de nós, qualquer um aluno é em si-mesmo uma fonte original e irrepetível de seu

próprios saber. É um manancial de afetos, de sensibilidades, de saberes, sentidos de vida e significados de mundo.

Assim, centrar boa parte do que se vive em uma comunidade aprendente não no que está fora, é informativo e individualizado, mas naquilo que vindo de dentro do ser de cada um, é por isto mesmo por igual e diferenciadamente partilhável.

Reconstruir co-saberes a partir de memórias, de vivências pessoais partilháveis e que, reunidas e ampliadas em círculos de sentidos e saberes cada vez mais amplos, possam desaguar em algo bastante mais vivo, compreensível, crítico e rico de sentidos do que um aprendizado “exótico” (= vindo de fora não se sabe porque), de história, geografia ou educação ambiental).

7°. Caminhar rumo ao sempre inatingível transdisciplinar através de ousadias de: a) *integrações entre diferentes áreas das ciências* (a física serve à gramática e a gramática à biologia, aprender inglês para ler Robert Frost e não para falar com o computador a matemática existe para nos fazer filósofos e, não contadores, etc.), *interações entre as ciências* (apenas uma entre outras por igual essenciais formas-fontes de saber) *a filosofia, as espiritualidades e, sobretudo, as artes*; c) *indeterminações do valor-saber* como acontece quando cada estudante é avaliado de acordo com o seu desenvolvimento segundo suas próprias vocações pessoais e seus caminhos de escolha de vida e, não, de acordo com parâmetros impostos e em geral subordinados a um saber instrumentalmente quadrado e enquadrado.

Perdi a conta das pessoas amigas e conhecidas do passado e do presente que se frustraram no mundo acadêmico e são verdadeiros pequenos e múltiplos gênios nos caminhos que escolheram. Boa parte da arte que nos encanta em todos os campos é praticada por péssimos estudantes ou por pessoas que pouco ou nunca conseguiram estudar. Sem nenhum exagero posso dizer hoje, a caminho da velhice, que quando peso o que aprendi pela vida não sei separar o que me veio de doutores e academia do que me veio de mestres de obra. A convivência atenta seja com jovens artistas “por aí” e com pessoas do povo, de camponeses goianos e pedreiros de Minas, me fez acreditar sem dúvidas que a experiência de saberes que vão da prática da vida a uma filosofia do mundo, está situada em esferas e dimensões da cultura de que o que se pratica entre a escola e os centros de estudos de alto nível. Se você duvida, pare por um momento diante da coleção dos CDs das músicas que alimentam uma face

importante de sua vida, e procure ver de quem academicamente elas são.

8°. Nesta direção, realizar através da educação escolar a aproximação entre os diferentes saberes. Um dos pontos focais de uma proposta aberta à transdisciplinaridade na educação (e qual proposta hoje pode deixar de ser aberta?) é a interação entre as diferentes vocações do saber humano. Temos utopicamente entre educadores de vocação antropológica, paufreireana, pensado utopicamente – entre a pedagogia folclórica e a crítica – ou mesmo entre seguidores próximos ou a distância de Boaventura de Souza Santos – uma escola popular geográfica, cultural e vocacionalmente não-alheia aos modos de vida e aos saberes das comunidades culturais que a rodeiam, de perto e de longe. Já é tempo de levarmos este salto entre pontes a sério. Acredito que de forma palpável, cotidiana e concreta, temos muito o que aprender com a abertura de nossos olhares a fontes patrimoniais de sabedoria que nos rodeiam. Não se trata apenas de colocar por dever à lei algo da história de nossas tradições afro-originárias nos intervalos de nossas lições. Trata-se de incorporar de fato e fazer interagirem com o conhecimento legítimo os que foram sempre deixados na porta da escola, ou trazidos a ela apenas na “Semana do Folclore”.

Pense comigo. Imagine que você é uma professora de Belém do Pará. Imagine que uma educadora canadense que você conheceu em um congresso internacional em Toronto, anuncia que deseja passar trinta dias no Brasil e, se você a aceitar como hóspede, cinco dias no Pará. Que pré-roteiro de lugares a ir e de situações a viver dentro e fora de Belém você haverá de preparar? A que lugares, para ver, viver e comer o que você a levará: Ao Shopping Center? Ao Museu Histórico do Pará? Ao Instituto Emílio Goeldi (recomendável)? Ou ao “Ver o Peso” e uma boa noitada regada a pato no tucupi e carimbó? Se suas escolhas sobre o que “é típico de nossa gente e de nossas culturas vale para a professora canadense, porque não valer com seriedade e densidade para os seus alunos? Ou será que você nunca usou Óleo de Copaíba em lugar de Cataflan?

9°. Deixar a escola abrir-se a uma vocação mais corajosamente natural. Em um mundo em que em número crescente as pessoas deixam as trilhas nos bosques para irem malhar sobre esteiras de academias, deixam livros palpáveis de João Guimarães Rosa para navegarem entre fragmentos de “coisa

nenhuma” entre os prodígios fascinantes da internet, está na hora de nos perguntarmos se os rumos da humanidade sabiamente devem ser dirigidos a telas e esteiras, ou se não estaria na hora de pelo menos nós, os preocupados com círculos e circuitos de integrações, de interações, de inteirezas, de incertezas, de indeterminações, e, no horizonte, de inter-multi-transdisciplinaridades, começarmos a pensar se pelo menos antes de começarmos a dar passos incertos para a frente, não deveríamos ousar dar alguns para trás?

Entre outras coisas, a sala de aulas é crescentemente intolerável porque ela é... uma sala. Porque ela faz o acontecer da aventura do saber se passar no interior de um espaço que física e simbolicamente deixa o fluir da vida e do mundo... lá fora. Quando relembro – entre a saudade e a ciência – que boa parte do que aprendi foi trilhando floresta, acampando em beira de riachos, pendurado em montanhas ou, mais tarde, viajando com meus alunos de UNICAMP, UNIMONTES E UFU ora ao longo do Rio São Francisco, ora entre as montanhas da Serra da Mantiqueira, estes lugares de com-viver a parte mais saborosa, presencial e inesquecível de minhas/nossas aulas, não me voltam apenas como as “metáforas da exceção”. Ao contrário, foram situações intencionalmente ou não inusitadas em que por um dia ou vários o lugar-escola deslocou-se para a casa-do-mundo, que conseguimos juntos, como uma equipe que “ousa sair” saberes e lições que por haverem antes passado por uma boa aventura coletiva (e por isto mesmo intensamente educativa) puderam depois virar até “dever-para-casa” ou um desejável “trabalho de fim de curso”.

10°. Ousar recriar experiências de educação que por se orientarem a horizontes transdisciplinares, retomem a idéia ancestral de que nos educamos para nos transformar. E nos transformamos não para “arrumar um emprego qualquer”, ou “sermos um sucesso na vida” (e muitas vezes um bem-sucedido profissional estressado e cliente costumeiro de psiquiatras) mas para nos unirmos a outras pessoas, de nossas e de outras culturas, de nossos e de outros “mundos de vida”, para ousarmos transformar as nossas próprias vidas e os mundos sociais em que os vivemos.

Neste sentido acredito fortemente em uma educação de fato transgressiva. Não posso crer em vocações teórico-transdisciplinares que não partam de uma fecunda crítica social e política do mundo de vida que acolhe nossos estudantes dentro

da escola e que a rodeia por todos os lados como uma perversa e desvairada sociedade de mercado regida pela lógica e sensibilidade (se é que existe aí alguma) do mundo dos negócios.

Acredito que o mais humanamente urgente para nós, educadores, é formar pessoas que em número “globalmente” crescente conpirem através de seus saberes, sentidos e significados, contra o padrão de sociedade-mercado que se apresenta – inclusive através da escola-empresa geradora do competente-competitivo – que cada vez mais se apresenta a nós como “a única possível”.

Não consegui sequer imaginar, quanto mais crer, em projeto teórico (sobretudo os que esquecem a sociologia da vida e partem apenas da física quântica) de vocação transdisciplinar, que opere apenas no campo do saber. Sobretudo quando o horizonte deste saber, declaradamente ou não, deságua na pura ciência e se resolve como técnica.

Sonho (isto mesmo) uma educação corajosamente aberta ao que considero alguma das verdadeiras micro-revoluções de nosso agora. Elas estão esparramadas por todo o mundo e se a educação escolar se deixar dominar pela instrumentalização-midiática e fechar os olhos ao que pequenos círculos de pessoas e redes de seus círculos e unidades de novas experiências de vida pessoal e interativa e de ação social estão praticando, ela poderá tender à escolha do pior caminho. Aquele que escolhe a técnica em lugar da ciência, a ciência alheia à filosofia e a filosofia distante daquilo a que tanto a técnica quanto ela própria devem servir: o trabalho de tornar sempre mais humanos, os próprios seres humanos.

Quem sabe agora, leitor/leitora, ao invés de julgar com pressa que estas memórias são românticas demais e as propostas que ela sugerem são poéticas demais para serem aplicáveis, você sai de sua sala (e de diante de uma tela, imagino), espera o pôr-do-sol, senta de baixo da sombra de uma árvore e....